

Professores protestam contra greve em Letras

Uma greve de âmbito nacional, que envolveu os cerca de 15 mil estudantes das três Faculdades de Letras do País e Faculdades de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, reabriu, anteontem (quarta-feira), o velho «dossier» da utilidade dos cursos destas escolas.

Na origem da greve estão algumas das disposições contidas no projecto de reforma curricular, cuja publicação se prevê para breve no «Diário da República».

Esta será a segunda reforma oficial dos cursos da Faculdade de Letras depois do 25 de Abril. A primeira, data de 1978 e a sua imposição pelo então ministro da Educação, Sottomayor Cardia, provocou então considerável agitação.

A nova reforma, cujo texto é já conhecido, «saiu» da Direcção-Geral do Ensino Superior no seguimento de um processo que mobilizou professores, estudantes e órgãos de gestão das

três Faculdades em 1986 e que originou várias propostas curriculares.

Esta reforma visa adequar os cursos das Faculdades (onde se mantém uma miscelânea que vai de Geografia às Línguas e Literaturas) a uma carreira mais definida de formação de professores para os Ensinos Básico e Secundário. Até agora, tem sido esta a principal saída profissional dos estudantes de Letras, sem que as Faculdades deem qualquer tipo de formação específica.

Os estudantes poderão, agora, escolher, a partir do 3.º ano, o ramo educacional (de formação de professores) ou

outras vias, à semelhança do que já acontece nas Faculdades de Ciências.

Um obstáculo, entretanto conhecido — e que esteve na origem desta greve, a ter provavelmente continuação na próxima semana, segundo admitem os estudantes —, é a existência de «numerous clausus» no 5.º ano (por alegada falta de capacidade das instalações), onde será feita a formação psicopedagógica dos futuros professores.

Depois das tréguas do período natalício, esta jornada de luta voltou a «aquecer» todo o ensino onde, ainda no domínio dos Ensinos Básico e Secundário, há nova efervescência.

Em causa está, agora, a definição da carreira docente para o sector, com mais acuidade quando se avizinham os novos concursos. Há professores, calculados em mais de 3 mil, que não poderão entrar nesta primeira vaga de concursos por estarem integrados no sistema de

formação em serviço coordenada pelas Escolas Superiores de Educação.

Esta situação, que se liga também à consagração das Faculdades de Letras como possuidoras de cursos para formar professores, poderá dar origem a uma manifestação de professores na próxima sexta-feira, segundo disse a «O Jornal» uma fonte da Federação Nacional dos Professores.

A esta tomada de posição junta-se outra, publicamente divulgada pelo «ministro-sombra» do PS (António Barreto): uma saudação de «apreço» do poderoso Conselho de Reitores à Assembleia da República pelo aumento salarial garantido aos professores universitários e uma crítica directa ao polémico discurso que Cavaco Silva então fez «pela imagem do professor universitário possa colher-se... dessa intervenção».

P. G. R.

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Política educativa